

Vol 5 Issue 6 March 2016

ISSN No : 2249-894X

*Monthly Multidisciplinary
Research Journal*

*Review Of
Research Journal*

Chief Editors

Ashok Yakkaldevi
A R Burla College, India

Ecaterina Patrascu
Spiru Haret University, Bucharest

Kamani Perera
Regional Centre For Strategic Studies,
Sri Lanka

Review Of Research Journal is a multidisciplinary research journal, published monthly in English, Hindi & Marathi Language. All research papers submitted to the journal will be double - blind peer reviewed referred by members of the editorial Board readers will include investigator in universities, research institutes government and industry with research interest in the general subjects.

Regional Editor

Manichander Thammishetty
Ph.d Research Scholar, Faculty of Education IASE, Osmania University, Hyderabad.

Advisory Board

Kamani Perera Regional Centre For Strategic Studies, Sri Lanka	Delia Serbescu Spiru Haret University, Bucharest, Romania	Mabel Miao Center for China and Globalization, China
Ecaterina Patrascu Spiru Haret University, Bucharest	Xiaohua Yang University of San Francisco, San Francisco	Ruth Wolf University Walla, Israel
Fabricio Moraes de Almeida Federal University of Rondonia, Brazil	Karina Xavier Massachusetts Institute of Technology (MIT), USA	Jie Hao University of Sydney, Australia
Anna Maria Constantinovici AL. I. Cuza University, Romania	May Hongmei Gao Kennesaw State University, USA	Pei-Shan Kao Andrea University of Essex, United Kingdom
Romona Mihaila Spiru Haret University, Romania	Marc Fetscherin Rollins College, USA	Loredana Bosca Spiru Haret University, Romania
	Liu Chen Beijing Foreign Studies University, China	Ilie Pinteau Spiru Haret University, Romania
Mahdi Moharrampour Islamic Azad University buinzahra Branch, Qazvin, Iran	Nimita Khanna Director, Isara Institute of Management, New Delhi	Govind P. Shinde Bharati Vidyapeeth School of Distance Education Center, Navi Mumbai
Titus Pop PhD, Partium Christian University, Oradea, Romania	Salve R. N. Department of Sociology, Shivaji University, Kolhapur	Sonal Singh Vikram University, Ujjain
J. K. VIJAYAKUMAR King Abdullah University of Science & Technology, Saudi Arabia.	P. Malyadri Government Degree College, Tandur, A.P.	Jayashree Patil-Dake MBA Department of Badruka College Commerce and Arts Post Graduate Centre (BCCAPGC), Kachiguda, Hyderabad
George - Calin SERITAN Postdoctoral Researcher Faculty of Philosophy and Socio-Political Sciences Al. I. Cuza University, Iasi	S. D. Sindkhedkar PSGVP Mandal's Arts, Science and Commerce College, Shahada [M.S.]	Maj. Dr. S. Bakhtiar Choudhary Director, Hyderabad AP India.
REZA KAFIPOUR Shiraz University of Medical Sciences Shiraz, Iran	Anurag Misra DBS College, Kanpur	AR. SARAVANAKUMARALAGAPPA UNIVERSITY, KARAIKUDI, TN
Rajendra Shendge Director, B.C.U.D. Solapur University, Solapur	C. D. Balaji Panimalar Engineering College, Chennai	V.MAHALAKSHMI Dean, Panimalar Engineering College
	Bhavana vivek patole PhD, Elphinstone college mumbai-32	S.KANNAN Ph.D , Annamalai University
	Awadhesh Kumar Shirotriya Secretary, Play India Play (Trust), Meerut (U.P.)	Kanwar Dinesh Singh Dept.English, Government Postgraduate College , solan

More.....

Review of Research

International Online Multidisciplinary Journal

ISSN: 2249-894X

Impact Factor : 3.1402(UJF)

Volume - 5 | Issue - 6 | March - 2016



HISTORY AND MEMORY ABOUT BOI-BUMBÁ FESTIVAL FROM FONTE BOA CITY, STATE OF AMAZONAS – BRAZIL (*Histórias e memórias da brincadeira de Boi-bumbá em Fonte Boa – AM*)



Yomarley Lopes Holanda¹ and Cristiane da Silveira²

¹Researcher and Assistant Professor to University of State of Amazonas – UEA,
Doctor Student in Society and Culture in Amazonia by Federal University of Amazonas –
UFAM.

²Adjunct Professor and Researcher to University of State of Amazonas – UEA.

ABSTRACT :

This article weaves an interesting web between the BoiBumbá festival, Fonte Boa City, a country town of State of Amazonas and the memories of BoiBumbá oldest suitors from that city which, according to the authors, "the barranco (bank's waters) has led" and it has renumbered only in the memories, imaginary, toadas (boibumbá song) and role plays that the Boi festival performs annually. For both the authors had avail themselves with the methodology of field research (personal observation) undertaken in different moments, open interviews and many dialogs with older people who participated of the Boi Festival, configuring real oral sources clarifying aspects of this little known cultural manifestation. The study shows us that the Boi (a kind of artificial ox) that is celebrating in Fonte Boa City (AM) is an half-breed Boi who still retains elements of drama and dramatic dance involved with technical aspects that is modernizing, whose their references are sought in life and in the

day by day of the people of the Amazon region. It does not show more a baptized Indian subservient to the white people as beginning in initial stage of Boi festival, but rather an indigenous transmuted, material culture and immaterial redimensioned from deep aesthetic reformulations based on parameters to the popular spectacle.

KEYWORDS: Boi-bumbá festival, Amazonia, orality, Fonte Boa City

Resumo

Este artigo tece uma interessante trama entre a festa do boi-bumbá de Fonte Boa, interior do Amazonas e as memórias dos brincantes mais antigos daquela cidade que, segundo os autores, “o barranco levou”, passando a figurar apenas nas lembranças, imaginário, toadas e encenações que o boi realiza anualmente. Para tanto eles se valem da metodologia de pesquisa de campo (observação participante) empreendida em diferentes momentos, entrevistas abertas e vários diálogos com as pessoas mais antigas que participaram da brincadeira de boi, configurando verdadeiras fontes orais que elucidam aspectos pouco conhecidos dessa manifestação cultural. O estudo demonstra que o boi que se brinca na cidade de Fonte Boa (AM) é um boi mestiço que ainda conserva elementos do drama e da dança dramática envolvidos com aspectos técnicos modernizantes, cujas referências são buscadas na vida e no cotidiano dos sujeitos da região amazônica. Nele não se mostra mais um índio batizado subserviente ao branco como no estágio inicial do festejo do boi, mas sim um indígena transmutado, de cultura material e imaterial redimensionada a partir de profundas reformulações estéticas baseadas em parâmetros do espetáculo de massa.

Palavras Chaves: Boi-bumbá, Amazônia, oralidades, Fonte Boa



Boi de terreiro fonteboense na década de 1960; Fonte Boa-AM (Brasil).

Fonte: Os autores

1. Pedacinhos de lembranças e devaneios do tempo de menino com o boi-brinquedo

Se existe uma manifestação cultural que marca intensamente a vida do fonteboense desde a infância é a brincadeira do boi. Minhas lembranças de criança, às vezes turvas pelo tempo, ainda me seguem e persistem: o tambor feito de lata de goiabada ou tinta, as fantasias de papelão velho, o Negro Chico perseguindo os meninos apavorados para empurrar atrás do rabo do boi que aguardava inerte. Aliás, o boi, figura mágica das noites escuras de Fonte Boa, ser que encantava pela sua aura de brinquedo, simples estrutura de madeira (maniva) e samambaia, sem movimento algum, sem brilho,

mas que tinha o poder de inebriar adultos que organizavam a brincadeira ou pagavam para vê-lo dançar nos seus terreiros e, sobretudo, crianças que não raro fugiam de casa para brincar ou para ver o boi dançar, a surra por chegar tarde em casa quase nem doía, pois valia a pena.

Cantava-se na roda “xô, passarinho meu gavião totoriá, ô vaqueiro pega na vara tá na hora de matar. Atira, atira, atira Chico, deixa de amolação...”. Esta antiga cantiga de despedida, que recorro aos pedaços, anunciava o fim da festa naquela noite, o boi era morto, repartido em comunhão entre as pessoas ali presentes (era uma honra receber um pedaço do boi) e, após a encenação, ressuscitava, um misto de tristeza e euforia nos fazia devanear, o boi ia embora, mas breve ele voltava, ele sempre voltou!

Os eventos que narrei acima são imagens importantes, usando um termo de Gilbert Durand (2002, p.69), discípulo de Bachelard, que significam o princípio de uma experiência íntima com o boi-brinquedo. O autor de *As Estruturas Antropológicas do Imaginário* salienta que de “todas as imagens, com efeito, são as imagens animais as mais freqüentes e comuns. Podemos dizer que nada nos é mais familiar, desde a infância, que as representações animais”, em nosso caso, nada nos era mais caro que um boizinho de pano que ainda no presente encanta a meninada que brinca espontaneamente pelas esquinas com as fantasias abandonadas após a festa dos bumbás.

2. A cidade que o barranco levou: novos olhares sobre um antigo lugar

A cidade de Fonte Boa é um pequeno espaço urbano de estética simples encravado no coração da Amazônia castigado durante décadas pelo fenômeno das terras caídas, daí talvez sua feição desgastada pelo tempo, suas ruas esburacadas e sem calçamento e suas construções efêmeras. Com uma população estimada em pouco mais de 22 mil habitantes, a cidade dista de Manaus 665 Km em linha reta, são 3 a 4 dias de viagem em um barco regional (recreio) descendo o rio até a capital amazonense. Fonte Boa parece existir apenas para um olhar longínquo, para uma visão distante daqueles que singram os rios da Amazônia porque “de perto toda a dimensão de beleza que existia no primeiro olhar esvai-se no arruamento caótico, nas casas novas, mas com fachadas desbotadas e precocemente envelhecidas. Talvez fosse melhor que delas só tivéssemos a primeira impressão”. A descrição sentimental das primeiras impressões de uma pequena cidade amazônica feita por José Aldemir de Oliveira (2000, p.36), é a que mais se aproxima da nossa ao aportar em Fonte Boa.

Se olharmos a cidade de frente pouca coisa vai chamar a atenção, não há organização e simetria nas habitações, algumas ficam de “costas”, outras mais novas ficam de frente para o rio, talvez as longas e velhas escadas de madeira que serpenteiam descontinuamente as imensas ribanceiras levando de qualquer pobre porto para algum lugar da cidade possam provocar um outro tipo de sentimento.

A sede do município acompanha paralelamente e de forma fragmentada o rio Solimões que a banha, mostrando-se, em boa parte, de “costas” para este rio, provavelmente uma herança da colonização cristã européia que estabelecia a igreja como centro a partir do qual todos os demais segmentos urbanos deveriam fixar-se. Pelo que tudo indica, a cidade cresceu ao redor do antigo templo católico, aliás, que nem existe mais por causa do fenômeno das terras caídas que, no transcorrer dos anos 60, 70 e 80, praticamente levou metade da antiga cidade: a delegacia, a prefeitura, o cartório, praças, as ruas 7 de Setembro, Presidente Vargas, Eurico Gaspar Dutra e Marechal Rondon, muitas casas e a igreja matriz que foi demolida antes de sucumbir à força da natureza.

A conversa com muitas pessoas que presenciaram o período crítico da queda dos barrancos me deixou impressionado ao imaginar a violência do fenômeno, seus estrondos ouvidos de longe, a tristeza dos moradores ao verem a parte mais bonita da cidade sendo levada pela correnteza, lembrei dos escritos de José Aldemir (2000, p.23): “A correnteza modifica a paisagem e dá dinâmica à vida que

caminhava como se a natureza determinasse nossos passos". "As comunidades vizinhas de Fonte Boa a chamam de "Foste Boa" em referência à catástrofe que destruiu toda parte antiga da cidade. Parece que o rio Solimões que provocou a chamada queda dos barrancos levou consigo muito da história, da memória de uma cidade que se mostra diferente das demais. O frenesi constante que envolve a cidade parece ser uma vã tentativa de remover da lembrança as agruras do passado". Diz-nos em entrevista o professor Humberto Lisboa, 57 anos, professor e historiador local.

Nos fins de tarde, os diálogos das pessoas sentadas nos bancos na beira do barranco quase sempre contemplam as ruas que se estendiam onde agora é o rio, alguém me aponta lá longe o local imaginado das antigas casas que hoje repousam no fundo do Cajaraí. Memórias que permanecem sobre coisas importantes que o barranco levou. João de Jesus Paes Loureiro (1995, p.230), no texto intitulado "A iluminação poética dos mitos", assim argumenta sobre a causa das terras caídas na Amazônia: "A ruína de barrancos das margens dos rios e a destruição do cais ou trapiches de muitas cidades ribeirinhas – como Abaetetuba e Cametá, no Tocantins – são atribuídos aos movimentos bruscos e irados da Boiúna que está alojada sob as águas".

Obviamente que o poeta paraense fala de acordo com a perspectiva do imaginário amazônico, das imagens poético-devaneantes construídas pelos caboclos da beira dos rios. Em Fonte Boa não ouvi histórias sobre cobras gigantes que derrubam barrancos, mas sim sobre a imagem da santa padroeira Nossa Senhora de Guadalupe que teria sido encontrada por pescadores no Paraná do Cajaraí, sendo então levada até a igreja local. Porém, de maneira misteriosa, todas as noites a imagem retornava ao lugar onde havia sido encontrada, até que alguém cortou-lhe os pés para que ela não pudesse mais deixar a igreja, desde então, as terras passaram a cair intensamente, segundo a lenda, por causa da ferida causada à padroeira, cresci ouvindo essa história. Mesmo com as explicações geológicas mais modernas que dão conta do solapamento das margens dos rios pela erosão, o imaginário regional ainda se alimenta de contos, sonhos ou da religiosidade popular.

Os grandes barrancos são a marca mais importante da paisagem da cidade e da memória de seus habitantes, principalmente os mais velhos que viveram a catástrofe e por isso lembram dela de forma vivaz. Durante praticamente todas as entrevistas e conversas que tivemos com os moradores da cidade sempre, em algum momento, a queda dos barrancos foi mencionada. Fotografias da antiga cidade antes da queda dos barrancos são a porta de entrada para um passado que permanece lembrado, para uma cidade que permanece lembrada por seus moradores.

A memória, esse "teatro do passado", no dizer de Gaston Bachelard (2008, p.28), teve em Maurice Halbwachs (2004), um de seus primeiros estudiosos a pensá-la como estrutura social. O autor afirma que, mesmo sendo os indivíduos responsáveis em lembrar (no sentido físico, literal), são os grupos sociais que determinam o que deve ser "memorável", e também o que deve ser lembrado de acordo com as suas experiências. Em outros termos, a memória individual existe sempre a partir de uma memória coletiva, posto que todas as lembranças são construídas no interior de um grupo. Não há dúvida que os fonteboenses se identificam com a destruição de parte da cidade justamente por tratar-se de um evento público importante para todo o grupo social. Até mesmo os jovens que não viveram diretamente o período crítico da queda dos barrancos, lembram desse passado, recordam o que não presenciaram em virtude desta recordação estar viva na fala de seus pais, avós, amigos, vizinhos, etc., o que torna a memória local uma reconstrução coletiva de um acontecimento pretérito vivido.

A lembrança é em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente, e além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora manifestou-se já bem alterada. (HALBWACHS, 2004, p.75-76).

A memória coletiva, neste caso, não isenta a memória individual, pois à medida que o indivíduo assume-se como parte de uma coletividade, toma para si a história dessa coletividade, e ao mesmo tempo, em que é legitimado por ela, legitima-se nela, de forma simultânea. A individualidade está na maneira como cada indivíduo assume para si um discurso, uma memória e identidade coletiva. Dito de outra forma, o autor admite que seja a partir do passado histórico que a memória pessoal e coletiva enriquece-se, no momento em que o indivíduo social ressignifica sua memória construída, baseado na história dos seus antepassados, que se torna progressivamente a memória de uma coletividade.

Ecléa Bosí (1994, p.73) sustenta que a “criança recebe do passado não só os dados da história escrita, mergulha suas raízes na história vivida, ou melhor, sobrevivida, das pessoas de idade que tomaram parte de sua socialização”. Nos parágrafos seguintes, a autora argumenta que a psicologia tem dado pouca atenção a esta outra socialização, segundo a qual “não estranhemos as regiões sociais do passado”:

Ruas, casas, móveis, roupas antigas, histórias, maneira de falar e de se comportar de outros tempos. Não só não nos causam estranheza, como, devido ao íntimo contacto com nossos avós, nos parecem singularmente familiares (p.74).

Câmara Cascudo (1999, p.9) defende a importância das festas para a memória social de um determinado grupo:

A memória é a imaginação do povo, mantida e comunicável pela tradição, movimentando as culturas convergidas para o uso, através do tempo. Essas culturas constituem quase a civilização nos grupos humanos. Mas existe um patrimônio de observação que se tornam normas. Normas fixadas pelo costume, interpretando a mentalidade popular. (CASCUDO, 1971, p. 9)

Na trilha de Cascudo, percebe-se que as memórias que são resgatadas ou ressignificadas pelos bois de Fonte Boa, atuam como aspectos que reforçam e nutrem a identidade cultural local: alegorias mostram o dia-a-dia caboclo e partes da cidade que o barranco levou, toadas enaltecem as belezas naturais da região, personagens interpretam os primeiros brincadores de boi da cidade, etc, no dizer de Maurice Halbwachs (1990, p. 81-82), esta memória age “enquanto corrente de pensamento contínuo, de uma continuidade que nada tem de artificial, já que retém do passado somente aquilo que ainda esta vivo ou capaz de viver na consciência do grupo que a mantêm”.

Parece-me, pois, ser em Fonte Boa uma história vivida e sofrida nas lembranças que se prendem a velhos lugares que agora não existem mais, pelo menos não no campo concreto, mas que a festa do boi de maneira simbólica traz a lume. Fixaram-se na mente do fonteboense as imagens da antiga cidade – minha mente é repleta dessas lembranças da velha igreja matriz, principalmente. Mas que festa é esta que possui relação importante com a cidade que o barranco levou?

3. Do terreiro à arena: lugares de memória por onde o boifonteboense brincou

A festa popular do boi-bumbá em Fonte Boa quase não possui referências dos seus primórdios em livros, documentos ou jornais. Praticamente tudo que sabemos vem dos escritos dos próprios participantes do evento ou da memória daqueles que brincaram nos terreiros à luz de lamparinas como seu Tinho, dona Creuza, seu Arigó da Arapanca, seu Moaca, seu Catulino e tantos outros.

Conta a tradição que muitos bumbás dançaram pelos terreiros e quadras fonteboenses para depois desaparecerem, caso do boi Brilho-Dia, Pingo-de-Ouro, Banho-de-Ouro, Estrelinha, Mina-de-Ouro, Corre-Campo, Caprichoso e Garantido, sendo que estes dois últimos nominaram Corajoso e Tira-Prosa durante a transição de boi de escola para boi de arena. Mas, por que Corajoso e Tira-Prosa permaneceram? Trabalhamos com a hipótese de que estes bois, a partir dos anos 90, passaram a expressar com muita clareza um jogo de oposição importante na organização sociopolítica da pequena

cidade do interior: aquele entre a família Lins e a família Lisboa, a Cidade Velha e a Cidade Nova, azulista e encarnadista, oposição e situação política.

Um dos fundadores do Festival Folclórico de Fonte Boa, professor Humberto Lisboa, nos explica da seguinte maneira a brincadeira do boi na cidade:

Como outras manifestações folclóricas do país tem origem na grande diversidade de povos que aqui se estabeleceram propiciando a fusão de diversos elementos culturais. No início era uma brincadeira realizada nas ruas e terreiros das residências. Eram dois bumbas: o Estrelinha, do centro da cidade, e o Tira Prosa, do bairro São Francisco. No período de 1980 até 2002 passaram a se apresentar na quadra de esportes municipal. Na década de 90 o evento evoluiu bastante e a disputa entre os bois tomou ares de 'guerra' na arena. O Tira Prosa, com as cores vermelho e branco, e o Corajoso, com as cores azul e branco, se tornaram famosos em todo estado do Amazonas.

Uma das hipóteses mais celebradas sobre o alvorecer da brincadeira do boi-bumbá em Fonte Boa é apontada, com base em depoimentos, por Ronildo Bonet (2006, p.17) em sua monografia de conclusão de curso em Ciências Sociais:

Os primeiros relatos de brincadeiras de cunho popular/coletivo afirmam que elas aconteciam nas ruas da cidade: manja, brincadeira de roda, queimada e o boi bumba de terreiro. Sobre este folgado último, sabe-se que a sua primeira aparição no muniboicípio de Fonte Boa ocorreu em uma das comunidades do rio Maiana (provavelmente a comunidade de Barreirinha), trazido por um senhor nordestino chamado Dalmácio, que veio para a Amazônia fugindo da grande seca e também atrás de riquezas com a borracha, em meados dos anos 30.

A descrição de Bonet encontra simetria com os depoimentos orais de muitas pessoas idosas que ressaltam a presença do senhor Dalmácio (alguns chamam de Dalmazio) como um dos primeiros a apresentar a brincadeira do boi na zona rural da cidade. Segundo essas pessoas, após retornar ao Nordeste, o senhor Dalmácio teria deixado o costume de colocar boi para os seus filhos que, por conseguinte, o teriam trazido do interior para a sede do município.

A versão do boi-bumbá Tira-Prosa sobre sua criação foi contada no tema Tira-Prosa: meu boi vermelho vivo, e cantada em forma de toada no mesmo festival folclórico em 2005. O texto da toada dizia o seguinte:

Sonho de vencedor (Cláudio Batista)
Meu boi de pano,
Conta a história em toada como tudo começou,
A arte tomou forma através da inspiração,
De Chico Vitória, o sonhador.
Boi Tira-Prosa da cor da paz todo branquinho,
nuvem pluma de algodão,
tão cheio de encanto que cativa o coração,
na testa uma estrela a brilhar.
Mestre Dandã preservou essa arte popular,
Ao som da batucada o Tira-Prosa vem brincar,
Fazendo a evolução, seguindo a voz do cantador,
Avermelhando a vida de amor.
O rubro é mais intenso é mais bonito,
Afasta a solidão de quem te ama,
Mãe Creuza tua benção iluminou o nosso touro vencedor.

*Brinca meu boi vem dançar levanta a poeira,
Balança pro teu povo sempre ser feliz,
Revela o sentido de amar,
Viva o Tira-Prosas aguerrido,
Meu boi vermelho-vivo de paixão (Tira-Prosas, 2005)*

Dona Creuza Lisboa, homenageada na música, e uma das mais importantes mestras da cultura popular local, nos conta dessa época que passou a gostar de brincadeiras ainda na infância vendo o seu pai, José Ferreira Lima, organizando e brincando pelas ruas de Fonte Boa: “Todos os bois que inventavam na cidade meu pai estava no meio. Ele era a burrinha do amo, acho que foi por isso”. Filha de cearenses vindos no período da borracha, tendo uma avó índia (Cocama ou Ticuna?), e um avô peruano, dona Creuza começou a colocar o bozinho chamado Estrelinha por causa de seu filho caçula. “Ele chorava e pedia para fazer o boi. Todos os outros filhos brincavam no bozinho”. “Mas, antes de mim, já existiam outros colocadores de boi como o Arigó da Arapanca, ele colocava o boi pra fazer medo pros outros”. Dona Creuza diz que colocava o boi sozinha e depois, passou a contar com a ajuda de seus filhos, “era apenas uma forma de brincadeira. O boi ia de casa em casa dançando para quem pagasse por sua língua. Tinha o amo do boi, dona Maria, os rapazes, os vaqueiros, o doutor, o padreco, a Catirina, o Negro Chico, o miolo do boi e os índios. O boi morria e vivia através de uma criança colocada atrás do rabo do boi, em seguida pedia-se para o boi urrar e ele urrava”.

Mais ou menos neste período recordado por dona Creuza, Charles Wagley (1988, p.206) realizava seus estudos na comunidade amazônica de Itá e dizia que “as festas de junho – Santo Antonio (dia 13), São João (dia 24) e São Pedro e São Paulo (dia 29) – são das mais características e tradicionais do Brasil”. O autor menciona ainda o caráter socializador dessas festas juninas tradicionais da cultura brasileira, segundo o mesmo, herdadas de Portugal e adaptadas às novas condições. Elas são motivos de reunião das famílias ao redor de fogueiras para comerem iguarias tradicionais, cantarem e dançarem. Dentre as brincadeiras realizadas na época junina em Itá, Wagley escreve que “o povo prefere o Boi-bumbá”:

Esta comédia do folclore tradicional é representada por atores locais em várias cidades do Norte do Brasil e em quase todas as comunidades amazônicas nessa época do ano. Mesmo em Belém várias companhias apresentam o Boi-bumbá em junho e julho (WAGLEY, 1988, p.207).

Eduardo Galvão (1951, p.276) também realizou estudos em Itá (nome fictício atribuído à cidade de Gurupá no interior do Pará), chamando atenção para a venda da língua do boi ao dono da casa que contratava previamente o grupo de brincantes que, por sua vez, retribuía a dádiva oferecendo em troca a encenação do auto do boi. O autor descreve os seguintes personagens do boi de Itá: amo, dona Maria, primeiro e segundo vaqueiros, Pai Francisco ou Negro Chico e Mãe Catirina, Caboclos, Índios e seu Tuxaua, Doutores, o boi e seu tripa. Não é de se estranhar, portanto, que em meados dos anos 40 e 50 do século passado, o boi-bumbá fosse a maior atração pública existente em Fonte Boa no período junino, inclusive com a apresentação da tragicomédia por mais de um grupo de brincantes.

Nossos colaboradores recordam com muita propriedade da brincadeira daquele tempo. Falam do boi que dançava nos terreiros, nas ruas e na frente das casas daqueles que pagavam. Havia o chamamento do boi que ficava no meio da mata escondido. Os vaqueiros e toda a roda cantavam: “Vaqueiro de fama, estou te chamando e vai buscar meu boi pra roda, que o povo tá esperando...”. Quando se ouvia os foguetes era porque o boi tinha sido encontrado, era uma alegria só. O boi vinha todo sujo de mato e lama, no caminho ele dava cabeçadas nas portas das casas, mas ninguém ficava com raiva, pois era uma festa, um prazer para a população que se reunia espontaneamente no

mês de junho para brincar. Os materiais usados para a confecção das fantasias do boi de terreiro eram simples: papel de seda colorido, penas de garça, gavião e arara coladas com goma, chapéus de Carnaúba enfeitados com espelinhos, fitas, algodão e papel brilhoso, além das máscaras de papelão.

No final da encenação, o boi era repartido, cada pedaço ia para alguém conhecido da cidade. Era uma alegria receber um pedaço do boi. O que se observa é o caráter socializador da brincadeira, ansiosamente esperada pela população, agregando gente, em oposição, também sustentando as hierarquias sociais vigentes, como costuma na repartição do boi somente às pessoas importantes.

Ao que parece as imagens simbólicas do antigo boi de terreiro fonteboense eram formadas a partir do próprio cotidiano vivido por seus participantes cujas experiências eram narradas ou cantadas registrando acontecimentos triviais da sociedade local, ou mesmo fatos mais importantes de outros lugares, além das atividades de trabalho (pesca, caça, roça), os laços de parentesco, as relações com autoridades da cidade e os conflitos sociais. Pelo que ouvimos falar, a partida do boi era motivo de tristeza e nostalgia, toadas de despedida eram cantadas sempre aludindo à próxima temporada de boi e à saudade que o boi deixara.

Os versos das antigas toadas demonstram a simplicidade dos motivos do boi-bumbá de terreiro: a lua, o versador que canta toadas lisonjeiras à morena bela, o brincar São João à luz da fogueira, o tom do desafio que marcava os encontros entre bois rivais (Tira-Prosa e Estrelinha, por exemplo) que, segundo nossos informantes, sempre terminavam em brigas de paus e estacas, às vezes o próprio boi servia como arma, já que era feito de madeira e cipós resistentes. Deve-se mencionar que até meados dos anos 80 não havia uma preocupação com a ecologia, com a questão indígena ou com a tradição cabocla, as toadas feitas por pessoas simples agregavam elementos curtos e singelos de seu universo cotidiano.

Após a fase de terreiro, terminada no final da década de 70 quando a família Oliveira, decepcionada com a falta de incentivo, deixa de “colocar” a brincadeira com toda a sua expressividade anterior (mesmo que seu Catulino - João Alfredo de Oliveira Filho, figura proeminente dessa fase - ainda tenha “colocado” a brincadeira até o início da década de 90, pouco antes de sua morte), o bumbá fonteboense inicia um segundo momento ao qual denominamos de boi de escola, quando a partir dos anos 80, professores, alunos, gestores e funcionários das escolas estaduais passaram a organizar e apresentar a brincadeira.

“Em relação ao boi de escola, eu já era profissional, já trabalhava como professor, então havia a disputa entre o boi da minha escola, Waldemarina, acho que era o Tira-Prosa, e o boi do São José, Banho-de-Ouro. Então já havia uma disputa, mas não com essa alegoria de hoje, havia uma disputa com alguma inovação. Eu lembro que na gestão da professora Jany Lins, foi apresentado no boi um dragão, então a inovação já começava a partir daí”, recorda o professor Sebastião Ferreira Lima.

A quadra da escola estadual São José foi a primeira a receber a apresentação de cordões folclóricos organizados em disputa, dentre os quais a “dança do boi” (a escola criou o boi Banho-de-Ouro com as cores amarelo e preto), nesta sua nova fase. Segundo dizem, a quadra foi construída durante a gestão do prefeito Francisco Pereira de Souza, no início da década de 80 do século passado, atendendo a pedidos de um grupo de professores que criavam naquele momento o I Festival Folclórico, justamente para este fim. As escolas tiveram participação importante na efetivação da antiga brincadeira de terreiro. Como recorda um dos fundadores do boi de escola fonteboense:

A gente se reunia no Armando Mendes pra fazer o boi. Os professores, alunos, e outras pessoas passavam o dia e entravam pela noite, aliás de noite era que o trabalho aumentava, confeccionando as fantasias ou ensaiando, nesse tempo tinha a rainha do leite, a florista. O boi de madeira deu um trabalho pra fazer ele mexer a cabeça, improvisamos o movimento com pneus de borracha.

A fala do professor Francisco das Chagas em conversa com o pesquisador em outubro de 2008, revela que fora os funcionários e alunos da escola, outras pessoas ajudavam na confecção do boi, o que nos leva a recuperar o conceito de pedaço de José Guilherme Magnani (2000, p.39), segundo o qual indivíduos diferentes se reconhecem “não por intermédio de vínculos construídos no dia-a-dia do bairro -, mas sim se reconhecem enquanto portadores dos mesmos símbolos que remetem a gostos, orientações, valores, hábitos de consumo...”. Portanto, o que levava pessoas alheias ao ambiente escolar na época dos bois em Fonte Boa, era esta possibilidade de “estar entre iguais” no pedaço, apropriando-se dele e nele compartilhando os mesmos símbolos, no caso as cores e a predileção por um dos bumbás. Pouco depois, como informa o professor Sebastião Lima, o boi saiu das escolas: “Pela necessidade de expansão do festival folclórico, nós achamos melhor trazer a escola, fazendo com que o boi deixasse de ser da escola e passasse a ser um boi do município. Só houve essa transferência, mas os brincantes continuaram a ser da escola, e são até hoje.

A versão atual de boi de arena surgido diretamente da fase escola anterior tem como marco a criação do Festival Folclórico de Fonte Boa por um grupo de professores em 1980. O modelo de apresentação e organização em Agremiações folclóricas é similar ao de outros bumbás do Amazonas, especialmente de Parintins. Pode-se observar um forte sentido simbólico nas letras das toadas, fantasias e alegorias dos bois modernos que jogam com motivos culturais regionais, o que confere à festa fonteboense uma série de elementos que expressam uma espécie de imaginário amazônico. Como explica Lévi-Strauss (1982), um jogo se efetiva em função de regras culturalmente construídas e nas múltiplas partidas que se joga, que tendem ao infinito.

A cultura popular afirma os valores dos envolvidos na festa, o brincar de boi torna-se ferramenta de crítica, de sarcasmo e de luta social, a rivalidade cultural se agrega a outros elementos arcaicos e cresce em Fonte Boa. É, de fato, o que nos sugere a interpretação da festa dos bumbás, pois nela o fonteboense estabelece uma ponte com a sua história, seus anseios, seus conflitos, sua arte e capacidade imaginativa, construindo relações intra e extra-comunitárias, uma vez que tal manifestação cultural exige a participação não somente das comunidades rurais do município, mas também de outras cidades na sua construção e apresentação.

A dinâmica da trajetória do boi-bumbá de Fonte Boa, do terreiro à arena, incide na noção de movimento, de passagem, defendida por Henry Lefebvre (1991) quando ele discute a idéia de centralidades culturais móveis. Tanto o terreiro, quanto a quadra da escola e agora a arena, tornaram-se centralidades pelas quais os grupos que legitimaram o boi passaram, tecendo redes de relações sociais, fazendo a sociedade comungar consigo mesma e atuando como mecanismo catalizador das emoções, criatividade e participabilidade apoiada na construção coletiva, dentro de diferentes contextos espaciais. A rua, os pátios, as praças, a arena, tudo serve para o encontro de pessoas fora das suas condições e do papel que desempenham em uma coletividade organizada. Então, a empatia ou a proximidade constituem os suportes de uma experiência que acentua intensamente as relações emocionais e dos contatos afetivos, que multiplica ao infinito as comunicações.

4. Dramas, tramas e tessituras ainda em fazimento...

Pensando nessas mudanças, nesta sua trajetória do terreiro até a arena, o boi-bumbá de Fonte Boa tem modificado seu sistema simbólico, embora observemos notórios elementos de continuidade como a rivalidade entre dois grupos rivais, a questão do lúdico, de brincadeira como o boi é carinhosamente chamado por muitos de seus participantes, a presença de diversos personagens do auto, a exaltação da mulher morena, por outro lado são evidentes as mudanças que vão desde a adoção de temáticas regionais pelos temas e toadas (imaginário indígena, vida cabocla), passando pela

profissionalização – artesãos tornaram-se artistas contratados que utilizam técnicas plásticas modernas; a morena bela torna-se cunhã-poranga; o grupo de índios, antes servil e sem graça que vai à procura de Pai Francisco agora é a tribo coreografada cheia de cores e ritmos; o pajé, outrora simples curandeiro que fazia o boi ressuscitar, ganha poderes mágicos para combater feras medonhas do imaginário amazônico; o papel de índio e caboclo ganha notoriedade; tambores forrados com pele de anta ou onça curtidas ao sol transformam-se nas poderosas batucadas com seus tambores e caixas amplificadas; as famílias que pagavam para ver o boi dançar em frente às suas casas foram substituídas pelo poder público; os “donos” ou famílias deram lugar às diretorias institucionalmente organizadas.

Nesta caminhada de décadas do bumbáfonteboense, as brigas de rua cederam lugar a uma disputa regulamentada com jurados e itens, sujeitos e famílias, em diferentes momentos, exerceram papéis importantes (e ainda exercem), boizinhos surgiram para depois desaparecerem, lugares tornaram-se especiais para mais tarde serem substituídos, é com Corajoso e Tira-Prosa que a festa vai alcançar seu amadurecimento, entre as fases de escola e arena, que a sociedade fonteboense vai se identificar, se polarizar e tentar ser vista e reconhecida para além de suas fronteiras.

Enfim, o boi que se brinca na cidade de Fonte Boa é um boi mestiço que ainda conserva elementos do drama e da dança dramática envolvidos com aspectos técnicos modernizantes, cujas referências são buscadas na vida e no cotidiano dos sujeitos da região amazônica. Nele não se mostra mais um índio batizado subserviente ao branco como no estágio inicial do festejo do boi, mas sim um indígena transmutado, de cultura material e imaterial redimensionas a partir de profundas reformulações estéticas baseadas em parâmetros do espetáculo massivo. Sua arte plumária, mitos de criação, ritos de passagem, pinturas corporais adquiriram tanta relevância no contexto da festa que chegaram a eclipsar os demais personagens do drama. É ainda um boi que quer mostrar crítico a partir de uma retórica regional de preservação da natureza e de seus “povos tradicionais”, sustentada artisticamente em seguidas apropriações culturais do Carnaval e do boi de Parintins, mas que ao mesmo tempo busca de todas as formas se legitimar junto ao poder público e aos visitantes, constituindo-se em definitivo num princípio deflagrador da identidade sociocultural local.

5. REFERÊNCIAS

1. BACHELARD, Gaston. A poética do espaço. Trad. Antonio Pádua Danesi. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
2. BENCHIMOL, Samuel. Amazônia: formação social e cultural. Amazonas: Valer, 1999.
3. BONET, Ronildo. Práticas políticas no município de Fonte Boa, interior do Amazonas. Monografia de Conclusão de Curso apresentada ao Instituto de Ciências Humanas e Letras da Universidade Federal do Amazonas, sob a orientação da Dra. Isabel Vale. 2006.
4. BOSI, Ecléa. Memória e Sociedade: lembranças de velhos. São Paulo: T. A. Queiroz, 1979.
5. BRAGA, Sérgio Ivan Gil (Org.). Culturas populares em meio urbano. Manaus: Valer, 2009.
6. CÂMARA CASCUDO, Luis da. Antologia do folclore brasileiro. 10. Ed. São Paulo: Global, 2001.
7. _____. Dicionário do Folclore Brasileiro. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.
8. DURAND, Gilbert. As Estruturas Antropológicas do Imaginário. Trad. Helder Godinho. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
9. DURKHEIM, Émile. Sociologia e Filosofia. Rio de Janeiro: LTC Editora, 2003.
10. GALVÃO, Eduardo. Boi-bumbá: versão do baixo Amazonas. In: Anhembi. São Paulo, v.3, nº 8, julho, 1951.
11. HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Editora Centauro, 2004.
12. HOBBSAWM, Eric; TERENCE, Ranger (Orgs.). A Invenção das Tradições. 3.ed. Rio de Janeiro: Paz e

Terra, 1997.

13. LEFEBVRE, Henri. O Direito à Cidade. São Paulo: Moraes LTDA, 1991.

14. LE GOFF, Jacques. História e Memória. Trad. Irene Ferreira et al. Campinas: Unicamp: 2003.

15. LISBOA, Humberto. Fonte Boa: chão de heróis e fanáticos. Fonte Boa: Editora Nossa Senhora de Guadalupe, 1998.

16. LINS, Eylan. Fonte Boa: terra de bons frutos. Manaus: Editora Oficial, 2004.

17. LOUREIRO, João de Jesus Paes. Cultura Amazônica: uma poética do imaginário. Belém: CEJUP, 1995.

18. _____. Tradição, tradução, transparências. In: SOMANLU: Revista de Estudos Amazônicos do Programa de Pós-graduação Sociedade e Cultura na Amazônia, da Universidade Federal do Amazonas. Ano II, nº 2: edição especial - Manaus: Valer, 2002.

19. MAGNANI, José Guilherme C. Quando o campo é a cidade. In: MAGNANI, José Guilherme C.; TORRES, Lilian de Lucca (Orgs.). Na metrópole: textos de Antropologia Urbana. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; FAPESP, 2000.

20. _____. Festa no Pedaco: Cultura Popular e Lazer na Cidade. São Paulo: Hucitec, 1998.

21. OLIVEIRA, José Aldemir de. Cidades na selva. Manaus: Valer, 2000.

22. _____. Manaus 1920-1967: a cidade doce e dura em excesso. Manaus: EDUA, 2003.

23. WAGLEY, Charles. Uma comunidade amazônica. São Paulo: EDUSP, 1988.

24. WEBER, Marx. Conceitos básicos de Sociologia. São Paulo: Ed. Moraes, 1987.

Publish Research Article

International Level Multidisciplinary Research Journal

For All Subjects

Dear Sir/Mam,

We invite unpublished Research Paper, Summary of Research Project, Theses, Books and Books Review for publication, you will be pleased to know that our journals are

Associated and Indexed, India

- ★ Directory Of Research Journal Indexing
- ★ International Scientific Journal Consortium Scientific
- ★ OPEN J-GATE

Associated and Indexed, USA

- DOAJ
- EBSCO
- Crossref DOI
- Index Copernicus
- Publication Index
- Academic Journal Database
- Contemporary Research Index
- Academic Paper Database
- Digital Journals Database
- Current Index to Scholarly Journals
- Elite Scientific Journal Archive
- Directory Of Academic Resources
- Scholar Journal Index
- Recent Science Index
- Scientific Resources Database

Review Of Research Journal
258/34 Raviwar Peth Solapur-413005, Maharashtra
Contact-9595359435
E-Mail-ayisrj@yahoo.in/ayisrj2011@gmail.com
Website : www.ror.isrj.org